



Organização das Nações Unidas
para a Educação, a Ciência e a Cultura.

UNESCO BRASIL

MENSAGEM DO DIRETOR-GERAL DA UNESCO POR OCASIÃO DO DIA INTERNACIONAL DA ALFABETIZAÇÃO

Koichiro Matsuura¹

8 de setembro de 2002

O Dia Internacional da Alfabetização é uma oportunidade para celebrar a importância que tem em toda parte a capacidade de ler e escrever - para os indivíduos, as comunidades e as sociedades - e para afirmar a importância fundamental da alfabetização dentro de todos os esforços empreendidos em favor do desenvolvimento humano sustentável. É também uma oportunidade para enviar mensagem de esperança e de estímulo aos 862 milhões de adultos, dois terços dos quais mulheres, que se estima estejam atualmente excluídos pelo analfabetismo de uma plena participação na sociedade.

Este ano queremos chamar atenção particularmente para a próxima Década da Alfabetização das Nações Unidas, que será lançada no princípio de 2003. As nações do mundo deram seu apoio coletivo a essa nova e importante iniciativa, que proporcionará um contexto internacional para mobilizar esforços destinados a difundir o mais possível nos próximos anos os benefícios da alfabetização. A Década será crucial para galvanizar ações orientadas no sentido de alcançar a meta internacional acordada de uma melhoria de 50 por cento nos níveis da alfabetização adulta em 2015, especialmente no caso das mulheres. Essa meta deve ser perseguida juntamente com a agenda mais ampla do programa Educação para Todos, notadamente a garantia de uma educação básica de qualidade para todas as crianças, meninos e meninas, de modo a criar uma base duradoura para a competência na linguagem escrita.

No mundo cerca de um adulto em cada cinco é analfabeto, o que é intolerável. Como podemos instituir sociedades de informação equitativa ou democracias florescentes se tantas pessoas são

¹ Diretor-Geral da UNESCO

mantidas sem os instrumentos básicos da alfabetização? Como podem prosperar o diálogo entre as culturas e a sua compreensão recíproca se é tão grande o fosso que as divide em termos da competência na leitura e na escrita? Como é possível erradicar a pobreza se as raízes da ignorância são deixadas intactas? Em um mundo construído em torno da premissa de que todos sabemos ler e escrever, e onde alfabetização e liberdade estão associadas de forma indissolúvel, ser analfabeto é viver sem liberdade.

Ao finalizarmos a preparação da Década da Alfabetização das Nações Unidas precisamos recorrer às lições da experiência. Sabemos, por exemplo, que é preciso adotar uma variedade de abordagens: em lugar de programas padronizados, precisamos de métodos mais específicos. Sabemos que as mulheres e os homens têm necessidades distintas, e que essas diferenças precisam estar refletidas no conteúdo e nos processos do aprendizado. Sabemos que aprender é mais fácil quando é uma experiência agradável, realizada em companhia de outros. Sabemos também que a alfabetização ocorre mais facilmente quando associada com objetivos e fins práticos, tais como a aquisição de meios de vida, a solução de problemas e o acesso a novas informações - em suma, formas como as pessoas se capacitam e se transformam, transformando assim a sua sociedade.

Hoje se reconhece cada vez mais que há várias "alfabetizações", que diferem entre si, têm muitas dimensões e são aprendidas de forma diferente. No entanto, em todos os casos cada tipo de alfabetização precisa conduzir a um uso sustentável e significativo --- esta deve ser a nossa meta para a próxima Década da Alfabetização.

No Dia Internacional da Alfabetização, celebramos também os esforços devotados de inumeráveis facilitadores, animadores e professores que trabalham intensamente para abrir aos outros oportunidade de aprender. Como os heróis desconhecidos da alfabetização eles são um lembrete para a UNESCO e para os seus parceiros internacionais e nacionais de que o nosso papel precisa ser o fortalecimento da capacidade local e o apoio às iniciativas comunitárias. Com efeito, é vital que os próprios aprendizes, em seus contextos pessoais, guiados pelas suas esperanças e aspirações, modelem a agenda para a alfabetização. Só assim teremos sociedades que sustentem a sua própria utilização da comunicação escrita, e o seu próprio aprendizado.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O DIA INTERNACIONAL DA ALFABETIZAÇÃO

Professor Amartya Sen²

Através de mensagem pré gravada em vídeo, o Professor Amartya Sen, Prêmio Nobel de Economia de 1998, fará uma das principais apresentações nas celebrações do Dia Internacional da Alfabetização deste ano, que serão realizadas na sede da UNESCO, em Paris, na Segunda e na Terça feira, dias 9 e 10 de setembro. Segue um resumo do seu pronunciamento.

Um antigo ditado bengalês sustenta que o conhecimento é uma mercadoria muito especial: quanto mais é distribuída, mais cresce o seu estoque. Proporcionar educação aos outros não só os ilumina como enriquece quem o faz - os professores, os pais, os amigos. Nesta oportunidade maravilhosa em que celebramos o Dia Internacional da Alfabetização vale a pena lembrar esta antiga compreensão.

Desde os terríveis acontecimentos do dia 11 de setembro do ano passado - e o que se seguiu - o mundo tem estado muito consciente dos problemas causados pela insegurança. Mas a insegurança apresenta diferentes aspectos, não só o do terrorismo e da violência. É notável constatar que para quase todos os tipos de insegurança humana a educação pode exercer um papel preventivo - tem uma contribuição construtiva.

O primeiro ponto, e talvez o mais fundamental, é o fato de que a ignorância das letras e dos números é em si mesma uma forma de insegurança. A incapacidade de ler ou escrever, de contar ou comunicar representa uma enorme privação.

Em segundo lugar, a educação fundamental pode ser muito importante para ajudar as pessoas a conseguir uma ocupação lucrativa. Qualquer país que negligencie a educação tende a condenar o seu povo analfabeto a um acesso inadequado às oportunidades abertas pelo comércio global. A pessoa que não pode ler instruções, compreender as exigências da precisão e seguir especificações está em posição muito desvantajosa no que se refere à busca de um emprego no mundo globalizado contemporâneo.

Não surpreende que todos os exemplos de utilização bem sucedida das oportunidades do comércio global para a redução da pobreza têm implicado o caminho da educação básica em uma base ampla. Já em meados do século dezenove essa tarefa foi vista no Japão com notável clareza. O Código Fundamental de Educação, de 1872 (pouco depois da Restauração Meiji de 1868),

² O Professor Amartya Sen nasceu em Bengala, na Índia (agora Bangladesh em 1933, e reside e trabalha atualmente em Cambridge, no Reino Unido, onde é Mestre do Trinity College. Seus livros mais importantes incluem *On Economic Inequality* (Sobre a Desigualdade Econômica), *Poverty and Famines* (Pobreza e Fomes) e *On Ethics and Economics* (Sobre a Ética e a Economia). Em 1998 recebeu o Prêmio Nobel de Economia por suas contribuições à economia do bem-estar. Amartya Sen considera a alfabetização uma das suas "antigas obsessões", juntamente com o cuidado básico da saúde e a igualdade entre homens e mulheres.

manifestava o compromisso público de garantir que não houvesse "nenhuma comunidade com uma família analfabeta, nenhuma família como uma pessoa analfabeta." Em 1910 o Japão estava quase completamente alfabetizado, pelo menos no que se refere aos jovens, e em 1913 publicava mais livros do que a Inglaterra e mais de duas vezes o número publicado nos Estados Unidos, embora ainda fosse muito mais pobre do que esses dois países.

Mais tarde, a China, Taiwan, a Coreia do Sul e outras economias do Extremo Oriente seguiram um caminho semelhante, enfatizando firmemente a educação fundamental. Ao explicar o seu rápido progresso econômico, muitas vezes se elogia, com razão, a vontade demonstrada por esses países de utilizar a economia do mercado global. Mas esse processo foi muito ajudado pelas suas realizações no campo da educação básica.

Em terceiro lugar, quando as pessoas são analfabetas, sua capacidade de compreender e invocar seus direitos pode ficar muito limitada, o que representa uma severa limitação para aqueles cujos direitos são violados, e tende a ser um problema permanente para os que estão no degraus mais baixos da escada social, cujos direitos são muitas vezes efetivamente alienados devido à sua incapacidade de ler para saber o que têm condições de exigir, e como fazê-lo.

Este é um ponto de especial importância para a segurança da mulher, pois as mulheres são muitas vezes privadas do que lhes é devido por causa do analfabetismo. Com efeito, a incapacidade de ler ou escrever representa um obstáculo importante para as mulheres excluídas, já que pode levar à impossibilidade de recorrer até mesmo aos direitos limitados que possam ter (por exemplo, de ser proprietárias de terra, ou de outros bens, ou de recorrer contra sentenças e tratamento injustos).

Em quarto lugar, o analfabetismo pode prejudicar também as oportunidades políticas, reduzindo a capacidade de tomar parte da arena política e de exprimir demandas de forma efetiva. Isto pode contribuir diretamente para a insegurança, já que a ausência de voz na política pode implicar uma grande redução da influência, diminuindo a probabilidade de receber um tratamento justo.

Em quinto lugar, nos últimos anos pesquisas empíricas deixaram bem claro como o respeito e a consideração pelo bem estar da mulher são fortemente influenciados por variáveis tais como a sua capacidade de ter uma renda própria, de encontrar ocupação fora do lar, de ter direitos de propriedade, de saber ler e escrever e de participar das decisões tomadas dentro e fora da família. Na verdade, até mesmo a desvantagem das mulheres em termos de sobrevivência, comparativamente aos homens, em muitos países em desenvolvimento (que leva ao terrível fenômeno de dezenas de milhões de "mulheres desaparecidas") parece reduzir-se incisivamente - podendo mesmo ser eliminada - com o pro-

gresso na condição da mulher, para o qual a alfabetização constitui um ingrediente básico.

Esses diferentes fatores (tais como a alfabetização e educação femininas, a capacidade da mulher de ganhar dinheiro, sua função econômica fora do âmbito familiar, seus direitos de propriedade, etc.) podem a princípio parecer influências diversas e separadas, que de algum modo são exercidas em conjunto, mas o que elas têm em comum é a contribuição positiva para a maior independência e capacitação social das mulheres.

Há também uma boa evidência de que a alfabetização e a educação femininas tendem a reduzir a taxa de mortalidade das crianças, influência que se dá por muitos meios, possivelmente mais do que todos pela importância que tipicamente as mães atribuem ao bem-estar das crianças, e a oportunidade que têm de influenciar nesse sentido as decisões familiares. Essas vinculações entre a educação das mulheres e sua capacitação social são fundamentais para compreender a contribuição da educação escolar para a segurança humana de modo geral.

Recentemente, a perspectiva de um "choque de civilizações" (proposto por numerosos comunicadores, inclusive intelectuais, assim como por líderes políticos) ganhou intensa divulgação, e o que é mais imediatamente chama a atenção nessa perspectiva não é a idéia da inevitabilidade de um choque (isto também é, porém vem depois), mas a insistência prévia em ver os seres humanos em termos de uma única dimensão: como membros desta ou daquela civilização. O que acontece é que cada ser humano tem muitas identidades, relacionadas com a nacionalidade, língua, localização, classe, religião, ocupação, crenças políticas, etc. Se ao classificar as pessoas ignoramos tudo isso, empregando um critério singular, reconhecidamente rigoroso, nós as separamos em campos conflitantes. A melhor esperança para a paz mundial reside no reconhecimento simples mas abrangente de que todos temos diferentes associações e filiações, e não precisamos ver-nos como divididos rigidamente por uma categorização singular de grupos rígidos que se confrontam entre si.

Ao celebrarmos o poder da alfabetização temos motivos para pensar também sobre o conteúdo da educação e sobre o modo como a capacidade de ler e escrever pode facilitar - em vez de ameaçar - a paz e a segurança. A importância de currículos não-sectários e não-paroquiais que expandem o alcance da vazão, ao invés de reduzi-lo, dificilmente pode ser exagerada.

Para concluir, precisamos continuar lutando em favor de uma educação básica para todos, salientando também a importância do conteúdo da educação. Precisamos garantir que a educação sectária não converta o processo educativo em uma prisão, em vez de fazer dele um passaporte para um mundo aberto.

NOVAS ESTATÍSTICAS: A ALFABETIZAÇÃO NO MUNDO
PROGRIDE LENTAMENTE E O NÚMERO DE MULHERES
ALFABETIZADAS NUNCA FOI TÃO ELEVADO

Paris, 2 de setembro - Quase 80% da população mundial de idade entre 15 anos ou mais é agora alfabetizada, incluindo um número de mulheres jamais observado anteriormente, de acordo com os novos números da UNESCO publicados para marcar o Dia Internacional da Alfabetização deste ano (8 de setembro).

As novas estimativas e projeções³, coletadas pelo Instituto de Estatísticas da UNESCO (UIS), mostram uma queda constante no número de adultos analfabetos de 22,4% da população mundial em 1995 para 20,3% em 2000. Isto significa que o número de adultos analfabetos passou de um total estimado de 872 milhões em 1995 para 862 milhões em 2000. Se esta curva continuar no mesmo ritmo, o Instituto estima que este número deverá cair para 824 milhões (16,5% da população mundial) até 2010.

Os melhores resultados foram obtidos na Ásia e na África. Apesar das disparidades entre as nações, estes dois continentes viram sua porcentagem global de analfabetos diminuir, respectivamente, 5,4 e 2,8 pontos percentuais.

O progresso da alfabetização de mulheres é particularmente encorajador. Apesar de elas ainda representarem, a nível mundial, dois terços do total de adultos analfabetos, em todos os continentes elas têm tido acesso à educação e à alfabetização em um ritmo mais rápido que os homens. O Instituto de Estatísticas da UNESCO destaca que a proporção de analfabetos entre as mulheres de 15 anos ou mais retrocedeu de 28,5 para 25,8%.

Esta tendência esteve mais evidente na África, onde esta porcentagem reduziu 6,4 pontos percentuais, passando para 49,2%. Em outras palavras, pela primeira vez na história, este continente conta com uma maioria de mulheres alfabetizadas. Avanços são também constatados no sul e oeste da Ásia, assim como no norte da África e nos países árabes, onde a porcentagem de mulheres alfabetizadas é agora de 52,2% e 56,4%, respectivamente.

Não há, entretanto, razão para se declarar vitória. Se estas novas estatísticas mostram um planeta cada dia mais alfabetizado, elas também ilustram a excessiva lentidão das mudanças: um adulto em cada cinco é ainda analfabeto. Alcançar a meta fixada pelo Fórum Mundial de Educação (Dakar, abril de 2000), segundo a qual deve-se reduzir à metade o analfabetismo da população mundial até 2015, será

³ As estimativas e projeções sobre alfabetização fornecidas pelo Instituto de Estatísticas da UNESCO são essencialmente baseadas nos dados coletados durante os censos nacionais e outras pesquisas domiciliares. Elas provêm informações básicas sobre o número e porcentagem de analfabetos entre a população adulta (de 15 anos ou mais) e entre os jovens (de 15 a 24 anos). Os diferentes contextos sociais e culturais nos países pesquisados, juntamente com diferentes definições e padrões de alfabetização e diferentes métodos e frequência de coleta de dados acarretam dificuldades para a estatística comparativa. Apesar das falhas que possam existir, essas estatísticas fornecem uma imagem clara do escopo do analfabetismo no mundo.

uma batalha árdua. Segundo as estimativas, a menos que haja um esforço extraordinário de hoje até lá, a porcentagem de adultos analfabetos deverá reduzir apenas 5 pontos percentuais até 2015.

De acordo com estes dados, somente cerca de 26 países em desenvolvimento têm chance de alcançar o objetivo fixado em Dakar, do quais pode-se mencionar China, Indonésia, Jordânia, Quênia, Oman, Tanzânia e Zimbábue. Outros 39 países estão em vias de uma redução de 40 a 50% de suas taxas de analfabetismo, como é o caso da Argélia, Bahrain, Bolívia, Chile, Equador, Namíbia, Turquia e Zâmbia. E 28 países, entre os quais o Brasil, El Salvador, Laos, Togo e Uganda, poderão ter uma melhoria de 30 a 40% em seus índices de analfabetismo.

Entretanto, há ainda cerca de 30 países que, até 2015, provavelmente não alcançarão uma melhoria superior a 30% sobre suas taxas de alfabetização de 2000. Nesta lista estão: Bahamas, Bangladesh, Benin, Burkina Faso, Camboja, Comoros, Costa do Marfim, Egito, Eritreia, Eslovênia, Etiópia, Gâmbia, Guatemala, Haiti, Índia, Iraque, Malawi, Mali, Mauritânia, Marrocos, Mianmá, Nepal, Nicarágua, Níger, Paquistão, Papua Nova Guiné, República Dominicana, Senegal, Emirados Árabes Unidos e Vietnã. Sem grandes esforços adicionais de luta contra o analfabetismo, estes trinta países concentrarão 92% da população mundial de analfabetos em 2015.

Apesar destas dificuldades, "nós devemos fazer mais e melhor", destaca Koichiro Matsuura, Diretor Geral da UNESCO. "É intolerável que cerca de um quinto da população adulta do globo seja ainda analfabeta", afirma ele em sua mensagem por ocasião do Dia Internacional da Alfabetização. "Como podemos construir sociedades da informação igualitárias ou fazer progredir a democracia se tantas pessoas não sabem ler nem escrever? Como o diálogo inter-cultural e a compreensão mútua podem prosperar se a fratura do analfabetismo é tão grande? E como erradicar a pobreza se as raízes da ignorância estão tão vivas?"

O estudo completo do Instituto de Estatísticas da UNESCO (com mapas e gráficos) pode ser consultado no site: www.uis.unesco.org